

## RELAÇÃO ENTRE RENTABILIDADE E CAPITAL INTELECTUAL DE EMPRESAS DO SETOR BANCARIO BRASILEIRO

Valnir Alberto Brandt<sup>1</sup>, Rosemeri Magagnin Kochen<sup>2</sup>

### ABSTRACT

*The Intellectual Capital has been included in companies as a competitive factor that is recognized, measured and evidenced. The financial indicators, by themselves are little bone They take larger dimension when compared to other indicators. In this way, the scope of the present study is presented between the investments in companies, in particular the intellectual capital, in relation to the public companies. The data were collected through the accounting statistics published in the BM&FBOVESPA, no studies on 2011 and 2016. The research was applied to the method proposed by (PULIC, 2000) that had a proposal of evaluation of the VAIC (Added Value of Intellectual Coefficient). This research program was developed to evaluate differences in nature, such as VAIC and profitability, notably RSPL and RSA, among others. Calculations were made among the variables studied. The results were in a comprehensive analysis only between VAIC and RSA. There was no correlation with RSPL.*

**Keywords:** *Intellectual Capital; Profitability; Banks.*

### RESUMO

O Capital Intelectual, tem sido apresentado às empresas como um fator competitivo que necessita ser reconhecido, mensurado e evidenciado. Os indicadores financeiros, por si só pouco representam. Eles tomam maior dimensão quando comparados a outros indicadores. Deste modo, o escopo do presente estudo é apresentar a correlação existente entre os investimentos em intangíveis, sobretudo o capital intelectual, com os índices de rentabilidade apresentados nas empresas do setor bancário brasileiro. Os dados foram coletados através das demonstrações contábeis publicadas na BM&FBOVESPA, no período compreendido entre 2011 e 2016. Nesta pesquisa foi utilizado o método proposto por (PULIC, 2000) que desenvolveu uma proposta de medição de eficiência do valor adicionado por capacidade intelectual corporativa, trata-se do VAIC (Value Added of Intellectual Coefficient). O objetivo da presente pesquisa foi o de avaliar se indicadores de natureza distintas, como o VAIC e rentabilidade, notadamente o RSPL e RSA, têm correlação entre si. Foram feitos cálculos de correlação entre as variáveis pesquisadas. Os resultados mostram que em uma análise global houve correlação apenas entre o VAIC e o RSA. Com relação ao RSPL não houve correlação.

**Palavras-chave:** Capital Intelectual; Rentabilidade; Bancos.

---

<sup>1</sup> Doutor em Contabilidade pela Universidade do Minho – Portugal – Reconhecido pela USP como Doutor em Contabilidade e Controladoria - Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon PR - Brasil. [valniralberto@gmail.com](mailto:valniralberto@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Brasil [merrimagagnin@hotmail.com](mailto:merrimagagnin@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O ambiente empresarial vive em constante mutação, e saber se adaptar a novas realidades, e investir de forma adequada pode ser a chave para o sucesso das organizações.

É de grande importância para as negociações organizacionais os investimentos em capital intelectual, pois a sua capitalização é tecnologicamente viável, proporcionando relevância e aumento do desempenho financeiro e das atividades inovadoras das organizações.

O conhecimento vem impactando extremamente o valor das organizações e a materialização da utilização desse recurso, mais as tecnologias disponíveis produzem benefícios, muitas vezes não visíveis, tanto nos relatórios financeiros como na estrutura das empresas e que agregam um grande valor trazendo mudanças significativas (Andriesson, 2005; Choong, 2008; Lev & Deng, 2006).

Para Janošević, Dženopoljac, and Bontis (2013) não existe um só conceito aplicável para capital intelectual, dentre o meio de seus benefícios e sua dependência de recursos não materiais pode-se definir como sua fonte, a mente humana. A mensuração do capital intelectual e o seu impacto sobre o desempenho financeiro são questões que devem ser analisadas em conjunto, para, assim, poder definir o modelo mais adequado e estimar os seus efeitos e sua contribuição para o desempenho empresarial.

A administração do conhecimento exerce um valor sobre os ativos das instituições, pois é o processo de transformação da informação em conhecimento gerando melhores desempenhos financeiros e valor para empresa. Deste modo, a geração de riqueza nas empresas está diretamente relacionada com o capital intelectual, pois esses ativos são responsáveis pelos desempenhos econômicos superiores e pela geração de valor aos acionistas (Perez & Famá, 2005).

Este trabalho buscou capturar essas informações que envolvem o conhecimento e transformá-las em indicadores mediante uma metodologia proposta por Pulic (2000) que é o *VAIC (Value Added of Intellectual Coefficient)* ou Valor Adicionado de Coeficiente Intelectual.

Estudos anteriores também investigaram a temática capital intelectual e desempenho financeiro porém no contexto internacional como (Bontis & Stovel, 2002; Clarke, Seng, & Whiting, 2011; Firer & Williams, 2003; Puntillo, 2009; Rashid, Ibrahim, Othman, & See, 2012; Richardson, 2004; Salman, Mansor, Babatunde, & Tayib, 2012; Sharabati, Naji Jawad, & Bontis, 2010; Wei Kiong Ting & Hooi Lean, 2009). Deste modo, para Antunes (2008) estudar os efeitos do capital intelectual torna-se importante, pois as empresas precisam se diferenciar

em um mercado competitivo, assim, analisar os estes efeitos surge como um fator primordial no processo de investimento das empresas.

O objetivo principal deste artigo foi o de através das Demonstrações Financeiras responder a seguinte pergunta: “Há correlação entre os indicadores de rentabilidade com os de eficiência do capital intelectual medidos pelo *VAIC* em empresas do setor bancário brasileiro listadas na BM&FBOVESPA?”.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA**

A contabilidade como ciência, pode de forma resumida ser compreendida como a arte de bem informar. Entretanto, sua característica informativa não se restringe apenas aos seus demonstrativos contábeis.

Novas fontes de geração de riqueza surgem a todo o momento num mundo de diversas mudanças constantes. Empresas se veem diante de perspectivas de mercados e o universo empresarial em que seus ativos físicos podem não ser o fato de competitividade mais vantajoso até então.

Basu and Waymire (2008) destacam que as organizações empresariais competem por recursos num ambiente em constante mutação e as que sobrevivem são as que melhor se adaptam ao ambiente, consciente ou inconscientemente. Com isso os autores procuram argumentar que a continuidade das empresas está no processo de adaptação ao meio em que estão inseridas e que a função empresarial é uma combinação de ideias, conhecimentos e informações para coordenar eficientemente a produção e entrega/prestação de bens e serviços.

Stewart (1997) considera o capital humano como a fonte de inovação e renovação dentro da empresa. Ativos materiais depreciam à medida que são utilizados, enquanto o ativo do conhecimento é ilimitado e cresce à medida que é estimulado e utilizado. Ideias geram mais ideias e o conhecimento compartilhado permanece com a sua fonte, bem como com o receptor (Depoers & Jeanjean, 2012).

### **2.1 CAPITAL INTELECTUAL**

Empresas buscam encontrar meios de exploração estratégica, onde possam identificar, conhecer e analisar recursos que possam ser considerados superiores para competir e ganhar espaço no mercado. Deste modo, na economia do conhecimento, o conhecimento tornou-se o recurso estratégico para as empresas concorrentes em ambientes dinâmicos (Ordóñez de Pablos, 2003).

O Capital Intelectual representa a soma do conhecimento e da competência empresarial acumulado na organização, gerado internamente, podendo estar em fase de aplicação (projeto e desenvolvimento), sendo identificável e individualizado contabilmente, constituindo-se em elemento patrimonial. Essa denominação de capital intelectual é usada para designar o patrimônio corporativo resultante de contribuições intelectuais, oriundas do conhecimento acumulado com o passar do tempo que sustenta o funcionamento das empresas no mercado (Santos & Murcia, 2009).

Embora exista uma variedade de definições de capital intelectual, sua classificação em três componentes básicos é a mais unânime (Abeysekera & Guthrie, 2005; Cordazzo, 2007; García-Meca & Martínez, 2007; St-Pierre & Audet, 2011) que são; Capital Humano – Capital Estrutural ou Organizacional e Capital Relacional.

O capital humano pode ser compreendido como sendo as habilidades, o conhecimento, o *know-how* das pessoas envolvidas na empresa, tornando-se de grande valia dentro das organizações, pois possui fonte de criatividade e inovação (St-Pierre & Audet, 2011). No entanto, é um dos mais arriscados, uma que vez que não pertence à organização, mas a cada indivíduo (Edvinsson & Malone, 1997).

O capital estrutural tem a ver com a utilização de tecnologias e sistemas por parte das empresas para a continuidade de seus negócios e transformar o conhecimento e o capital físico em uma fonte significativa de vantagens competitivas (Abeysekera & Bounfour, 2006). Processos corporativos (por exemplo, recrutamento, formação e treinamento) ajudam a promover a criatividade e inovação.

O capital relacional inclui todos os recursos envolvidos nas relações entre a empresa e os seus *stakeholders* (Cañibano, Garcia-Ayuso, & Sánchez, 2000). Reside na capacidade da empresa em acumular conhecimento em suas trocas com terceiros (Tayles, Pike, & Sofian, 2007). Segundo o relatório (Meritum, 2002), o capital relacional atende aos recursos que estão ligados às relações externas da empresa, com clientes, fornecedores e parceiros.

Nenhum dos três componentes mencionados pode criar valor numa base isolada, a interação entre eles é necessária. São necessários esforços para codificar o conhecimento organizacional e, assim, continuar a desenvolver a estrutura da empresa, produzindo uma vantagem competitiva sustentável, que se traduza em um maior desempenho nos negócios (Bontis & Stovel, 2002; Edvinsson & Malone, 1997).

## 2.2 INDICES DE DESEMPENHO FINANCEIRO

Os índices de rentabilidade procuram identificar e avaliar os resultados organizacionais em relação a determinados parâmetros que melhor revelem suas dimensões. O RSA representa o Retorno sobre os Ativos e o RSPL o Retorno sobre o Patrimônio Líquido. O uso destes indicadores se justifica em razão de estas medidas representarem o sucesso do negócio, sendo fortemente medidas tradicionais de desempenho corporativo (Janošević et al., 2013).

O RSA objetiva medir a eficiência global da direção da empresa no sentido de geração de lucros com seus investimentos totais, cuja fórmula é a seguinte:  $RSA = (\text{Lucro Líquido} / \text{Ativo Total}) \times 100$ .

Em relação ao RSPL, da Silva Macedo and Corrar (2012), afirma que este indicador apresenta o retorno que os acionistas ou quotistas da empresa estão obtendo em relação aos seus investimentos na empresa, cuja fórmula é a seguinte:  $RSPL = (\text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}) \times 100$ .

Os indicadores financeiros, quando analisados isoladamente pouco representam. Eles tomam maior dimensão quando comparados a outros indicadores. No presente trabalho foi feita uma análise comparativa com um indicador de eficiência do capital intelectual dentro do setor bancário brasileiro, o qual será demonstrado na sequência.

## 2.3 MÉTODO *VAIC*

Muitos estudos têm demonstrado a importância dos recursos humanos, um dos principais componentes do CI, no que diz respeito a sua medida, relatórios e contabilidade. A crescente diferença entre o valor de mercado e o valor contábil de muitas empresas estimulou uma nova área de pesquisa: o desenvolvimento de métodos de medição e de avaliação do capital intelectual. Da mesma forma que a definição de CI, não há aceite de forma generalizada, métodos de medição e de avaliação do capital intelectual também não.

Sendo assim, nesse contexto surgem estudos iniciais conduzidos por Pulic (1998) e indicam um alto grau de correspondência entre os indicadores *VAIC* e o valor de mercado das empresas na Bolsa de Valores de Viena. Os resultados muito persuasivos dos primeiros estudos desencadearam uma nova era de pesquisa no quesito de medir o capital intelectual.

Um dos próximos estudos baseados no *VAIC* é a pesquisa conduzida por Williams (2001) que foi aplicada a 31 empresas do Reino Unido. Outro estudo conduzido por Firer and Williams (2003) que analisa dados recolhidos de 75 empresas de capital aberto cotadas na Bolsa

de Joanesburgo na África do Sul. Tan and Hancock (2007) estudaram 150 empresas cotadas na Bolsa de Singapura para estudar a relação entre o CI e o retorno financeiro das empresas e descobriu que o CI é positivamente relacionado com o desempenho das empresas e que a contribuição do capital intelectual para o desempenho das empresas é diferente de indústria para indústria.

O objetivo do modelo consiste em medir a eficiência na criação de valor. Para Pulic (2000), o modelo surgiu para dar resposta à necessidade de se obter informação sobre a eficiência dos processos e das pessoas na criação de valor através do cálculo de coeficientes de eficiência na utilização do capital financeiro e do capital intelectual.

Este método mede indiretamente os intangíveis através da medição da eficiência do capital investido (ECI), eficiência do capital humano (ECH) e eficiência da estrutura de capital (ECE). Quanto maior a somatória desses indicadores maior será o *VAIC* demonstrando maior eficiência na criação de valor de uma empresa. A abordagem *VAIC* foi adotada nesse trabalho, seguindo o quadro metodológico de Firer and Williams (2003) e Chen et al. (2005b).

As etapas do cálculo do *VAIC* são descritas na sequência, de acordo com o método proposto por (Pulic, 2000).

- 1) VA = Valor Adicionado gerado pela empresa. Valor Adicionado Bruto informado na DVA (Demonstração de Valor Adicionado);
- 2) GP = Gastos com pessoal. Informado na DVA das empresas;
- 3) CE = Capital empregado. Valor total do Patrimônio Líquido;
- 4) SC = VA – GP (*proxy* para o capital estrutural);
- 5) ECH = VA/GP (indicador de eficiência do capital humano);
- 6) ECI = VA/CE (indicador da eficiência do capital investido);
- 7) ECE = SC/VA (indicador estrutural da eficiência de capital);
- 8) *VAIC* = ECH + ECI + ECE

O *VAIC* é um dos métodos mais utilizados como coeficiente de utilização do capital intangível (Pucar, 2012). Diferentemente dos outros métodos, a metodologia *VAIC* é desenvolvida não só para o nível das empresas, mas também para países, setores de atividade e outros níveis diferentes (Pal & Soriya, 2012).

A adoção dessa metodologia é mencionada por proporcionar determinadas vantagens (Chen, Cheng, & Hwang, 2005; Firer & Williams, 2003; Sullivan & Sullivan, 2000). Segundo os autores é fácil de calcular, é consistente, prevê medidas padronizadas permitindo a

comparação entre as empresas e países, bem como os dados são fornecidos pelas demonstrações financeiras, que geralmente são auditadas.

## 2.4 SETOR BANCARIO NO BRASIL

Desde os primórdios das atividades bancárias no Brasil, com a fundação do Banco do Brasil em 1808, o sistema vem constantemente sofrendo transformações, onde as mais importantes ocorreram em maio de 1994 com a instituição do Plano Real que proporcionou queda brusca na inflação em 1995, e fez com que os bancos perdessem sua mais importante fonte de receita, adequaram suas estruturas administrativas diminuíram custos e procuraram por novas fontes de receitas (Kakinami, 2007).

Nakane and Weintraub (2005) definem as medidas produzidas pelo Plano Real extremamente caras para os bancos, que lucravam a partir das transferências da inflação que caiu de 3,4%, em 1990-93, para 1,8% em 1994 e de 0,03% no ano de 1995.

O crescimento do número de bancos estrangeiros no país e a redução da participação dos bancos públicos em relação ao total do Sistema Financeiro Nacional (SFN) também representaram outro fato marcante após o Plano Real.

No presente artigo, além das demonstrações contábeis tradicionais, tais como, balanço patrimonial e a DRE, de onde são extraídos os indicadores de rentabilidade, a DVA também é amplamente utilizada, por trazer informações de caráter social, e necessária ao desenvolvimento do modelo proposto.

## 3 METODOLOGIA

Quanto aos objetivos a pesquisa caracteriza-se como descritiva, pois visa identificar a correlação entre o *VAIC* e os índices de rentabilidade das empresas, já na abordagem do problema a pesquisa se descreve como quantitativa. Os procedimentos de pesquisa são delineados pela pesquisa documental.

As coletas dos dados foram realizadas através do acesso às informações disponibilizadas no site BM&FBOVESPA, na composição da amostra foram utilizadas 22 das 25 empresas que compõem o setor bancário listadas na bolsa de valores. Foram eliminadas das amostras três empresas que contém demonstrativos incompletos.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS E DOS RESULTADOS

A análise dos dados do presente artigo, em conformidade com a metodologia adotada, teve como objetivo inicial realizar uma análise descritiva dos dados coletados, com a intenção de avaliar de uma forma abrangente os resultados iniciais e que servirão de base para a sequência da análise.

Os resultados estão demonstrados nos dados que são apresentados no quadro 01.

**Quadro 01 - Estatística Descritiva**

	Nº de Obser.	Mínimo	Máximo	Médi a	Desvio Padrão
<b>RSPL</b>	124	0,00%	40%	15,1%	8%
<b>RSA</b>	124	0,00%	14%	2,4%	2,7%
<b>VAIC</b>	124	1,67	7,98	3,91	1,29

FONTE: Elaborado pelos autores (2018).

Foram obtidas um total de 124 amostras. Nos indicadores de rentabilidade, RSPL e RSA, as médias obtidas no período foram de 15,1% e 2,4% respectivamente. As diferenças expressivas na média destes dois indicadores se dão pelas características do setor analisado (bancário) em que a participação de capitais de terceiros é bastante expressiva em relação ao capital próprio, uma vez que os setores bancários mantêm, normalmente, um alto grau de alavancagem financeira, próprios do segmento em que atuam.

Com relação ao indicador de coeficiente intelectual, VAIC, constatou-se que média do setor, no período analisado, foi de 3,91 tendo um valor máximo de 7,98.

Em estudo feito por Meles, Porzio, Sampagnaro, and Verdoliva (2016) em bancos nos Estados Unidos, foi constatado que a média obtida do VAIC para o setor foi 4.549, portanto, muito próxima ao resultado obtido no presente estudo.

Em seguida foram feitas as análises de correlação. O objetivo da análise de correlação é avaliar se há relação entre as variáveis estudadas. Uma maneira mais precisa de se medir o tipo de força de uma correlação entre duas ou mais variáveis é o coeficiente de correlação. O coeficiente de correlação é uma medida de força e direção de uma relação linear entre as variáveis, sendo demonstrado pela letra “r”. O nome formal de “r” é o Coeficiente de Correlação de Pearson e sua amplitude varia de -1 a 1 (Larson & Farber, 2013).

Assim que calculado o “r” há necessidade de saber se há evidências suficientes para decidir se o coeficiente de correlação é significativo. Para isso utiliza-se o nível de significância, que é a margem de erro assumida. A margem de erro pode apresentar diversos valores, no

entanto, quanto menor for essa margem maior será a certeza dos dados analisados. O nível de significância é obtido através do cálculo do valor de prova, neste estudo denominado de *p-value*.

Para que o coeficiente de correlação seja significativo é necessário que o *p-value* assume um valor inferior que a margem de erro. O presente trabalho foi adotado a margem de erro de 5% ou 0,05.

O Quadro 02 demonstra uma análise das empresas analisadas.

**Quadro 02 – Correlação das variáveis estudadas**

	RSPL	RSA	HCH	ECI	ECE	VAIC
RSPL Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	1					
RSA Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	0,310 0,000	1				
ECH Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	,005 ,478	0,680 0,000	1			
ECI Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	0,573 0,000	-0,124 0,086	-0,402 0,000	1		
ECE Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	0,185 0,020	0,301 0,000	0,305 0,000	-0,389 0,000	1	
VAIC Correlação de Pearson <i>P-Value</i>	0,160 0,038	0,712 0,000	0,976 ,000	-0,263 0,002	0,404 0,000	1

**FONTE:** Elaborado pelos autores (2018).

Ao analisar os dados, se verifica que há correlação entre o indicador de rentabilidade RSA, em relação ao VAIC, uma vez que apresentou um fator de correlação de 0,712, sendo que o *p-value* assume o valor de 0,000 sendo abaixo do nível de significância de 0,05, o que torna o modelo válido.

Os resultados encontram respaldos em estudo feito por Meles et al. (2016) em empresas bancárias nos Estados Unidos em que também apresentou correlação positiva no RSA.

Não houve correlação expressiva entre os componentes do VAIC, a que mais se aproximou foi a ECH em relação ao RSA. As demais não tiveram valores expressivos.

Relativamente ao RSPL não apresentou correlação com o VAIC, havendo uma aproximação com a estrutura do capital investido (ECI).

No cálculo do VAIC ficou demonstrada a força do capital humano em sua composição de cálculo, havendo uma forte correlação entre o ECH e o VAIC, sendo o índice de 0.976. Os demais, apesar de comporem seu indicador não apresentaram forte correlação.

## 5 CONCLUSÕES

O presente estudo procurou identificar a relação existente entre dois indicadores de rentabilidade (RSPL e RSA), sendo estes econômico-financeiros, com o indicador de eficiência do capital intelectual (*VAIC*) e as variáveis que o compõe, com o objetivo de avaliar se dois grupos de naturezas distintas possuem correlação entre si.

A metodologia utilizada para o cálculo de eficiência do capital intelectual foi o *VAIC*, que foi previamente utilizado por outros estudos similares (Bontis, Keow, & Richardson, 2000; Britto, Monetti, & Jr, 2014; Cohen & Kaimenakis, 2007; Lapina & Lentjushenkova, 2014).

Considerando as duas perspectivas, uma econômico-financeira e outra de inovação com ênfase no capital intelectual, pode-se chegar às seguintes conclusões:

Considerando a amostra coletada, a média do *VAIC* das empresas brasileiras do setor bancário é 3.91, muito próxima a pesquisa feita em 2016 em bancos Norte Americanos que ficou em 4.549, em estudo feito por Meles et al. (2016).

Avaliando a amostra coletada, a média do indicador *VAIC* das empresas bancárias brasileiras foi de 3,91, muito próxima a pesquisa feita em 2016 em bancos Norte Americanos que ficou em 4.549.

Na análise da correlação identificou-se que houve correlação entre o indicador de rentabilidade RSA em relação ao *VAIC*, uma vez que apresentou um fator de correlação de 0,712. O RSA não apresentou, isoladamente correlação com nenhum dos componentes do *VAIC*, bem como o RSPL que além de não apresentar correlação com o *VAIC* também não apresentou com os seus componentes.

Em uma análise mais detalhada, apesar de não apresentar forte correlação, a estrutura do capital humano (ECH) se apresentou como sendo a mais forte entre as variáveis que compõem o *VAIC* e sua correlação com o RSA, apresentando uma correlação de 0,680, mostrando a força do capital humano no que se refere a rentabilidade dos ativos das empresas.

Por outro lado, a estrutura do capital investido (ECI) se mostrou forte quando correlacionada com o RSPL, apresentando uma correlação de 0,573, demonstrando a força do capital físico nos retornos sobre o patrimônio líquido das empresas analisadas.

Em resposta a hipótese inicial, conclui-se que o *VAIC* está correlacionado somente com o indicador de rentabilidade RSA, e não tem correlação com o indicador RSPL.

O capital intelectual como um ativo cada vez mais importante e estratégico para a vantagem competitiva das empresas, os resultados nos mostram que, no caso específico do setor

bancário brasileiro, os investimentos em capital humano é a principal variável na composição do VAIC.

Recomenda-se que, em novos estudos possam ser feitos separando os bancos do setor público do setor privado, para verificar se a situação se confirma com o setor segmentado, bem como identificar em outros setores se a ECH representa a importância que teve neste setor econômico analisado.

## REFERÊNCIAS

- Abeyssekera, I., & Bounfour, A. (2006). The project of intellectual capital disclosure: researching the research/Commentary: on Abeyssekera's "The project of intellectual capital disclosure: researching the research". *Journal of Intellectual Capital*, 7(1), 61. ~
- Abeyssekera, I., & Guthrie, J. (2005). An empirical investigation of annual reporting trends of intellectual capital in Sri Lanka. *Critical Perspectives on Accounting*, 16(3), 151-163.
- Andriesson, D. (2005). Implementing the KPMG Value Explorer: Critical success factors for applying IC measurement tools. *Journal of Intellectual Capital*, 6(4), 474-488.
- Antunes, M. T. P. (2008). *Capital Intelectual*. São Paulo: Atlas.
- Basu, S., & Waymire, G. (2008). Has the importance of intangibles really grown? and if so, why? *Accounting and Business Research*, 38(3), 171-190.
- Bontis, N., Keow, W., & Richardson, S. (2000). Intellectual Capital and Business Performance in Malaysian Industries. *Journal of Intellectual Capital*, 1(1), 85-100.
- Bontis, N., & Stovel, M. (2002). Voluntary turnover: knowledge management - friend or foe? *Journal of Intellectual Capital*, 3(3), 303-322.
- Britto, D. P., Monetti, E., & Jr, J. d. R. L. (2014). Intellectual capital in tangible intensive firms: the case of Brazilian real estate companies. *Journal of Intellectual Capital*, 15(2).
- Cañibano, L., Garcia-Ayuso, M., & Sánchez, P. (2000). Accounting for intangibles: A literature review. *Journal of Accounting Literature*, 19, 102.
- Chen, M.-C., Cheng, S.-J., & Hwang, Y. (2005). An empirical investigation of the relationship between intellectual capital and firms' market value and financial performance. *Journal of Intellectual Capital*, 6(2), 159-176.
- Choong, K. K. (2008). Intellectual Capital: definitions, categorization and reporting models. *Journal of Intellectual Capital*, 9(4), 609-638.
- Clarke, M., Seng, D., & Whiting, R. H. (2011). Intellectual capital and firm performance in Australia. *Journal of Intellectual Capital*, 12(4), 505-530.

- Cohen, S., & Kaimenakis, N. (2007). Intellectual Capital and Corporate Performance in Knowledge-intensive SMEs. *The Learning Organization*, 14(3), 241-262.
- Cordazzo, M. (2007). Intangibles and Italian IPO prospectuses: a disclosure analysis. *Journal of Intellectual Capital*, 8(2), 288-305.
- da Silva Macedo, M. A., & Corrar, L. J. (2012). Análise comparativa do desempenho contábil-financeiro de empresas com boas práticas de governança corporativa no Brasil. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 4(1).
- Depoers, F., & Jeanjean, T. (2012). Determinants of Quantitative Information Withholding in Annual Reports. *European Accounting Review*, 21(1), 115-151.
- Edvinsson, L., & Malone, M. S. (1997). Intellectual Capital: realizing your company's true value by finding its hidden brainpower. *HarperCollins Publishers, New York, NY*.
- Firer, S., & Williams, S. M. (2003). Intellectual capital and traditional measures of corporate performance. *Journal of Intellectual Capital*, 4(3), 348-360.
- García-Meca, E., & Martínez, I. (2007). The use of intellectual capital information in investment decisions: An empirical study using analyst reports. *The International Journal of Accounting*, 42(1), 57.
- Janošević, S., Dženopoljac, V., & Bontis, N. (2013). Intellectual capital and financial performance in Serbia. *Knowledge and Process Management*, 20(1), 1-11.
- Kakinami, K. (2007). *Evolução do grau de alavancagem dos bancos comerciais brasileiros e a regulação: uma visão comparativa do período de 1950 a 2005*. Universidade de São Paulo.
- Lapina, I., & Lentjushenkova, O. (2014). Intellectual Capital Investments Influence on Entrepreneurship and Economic Performance. *Journal of Business and Management*, 1(1), 16-32.
- Larson, R., & Farber, B. (2013). *Estatística Aplicada* (4ª ed.). São Paulo.
- Lev, B., & Deng, Z. (2006). In-process R&D: to capitalize or to expense? *Journal of Engineering and Technology Management*, 23, 18-32.
- Meles, A., Porzio, C., Sampagnaro, G., & Verdoliva, V. (2016). The impact of the intellectual capital efficiency on commercial banks performance: Evidence from the US. *Journal of Multinational Financial Management*, 36, 64-74.
- Meritum. (2002). MERITUM Guidelines for Managing and Reporting on Intangibles. Measuring Intangibles to Understand and Improve Innovation Management. Madrid: MERITUM.
- Nakane, M. I., & Weintraub, D. B. (2005). Bank privatization and productivity: Evidence for Brazil. *Journal of Banking & Finance*, 29(8-9), 2259-2289.

- Ordóñez de Pablos, P. (2003). Intellectual capital reporting in Spain: a comparative view. *Journal of Intellectual Capital*, 4(1), 61-81.
- Pal, K., & Soriya, S. (2012). IC performance of Indian pharmaceutical and textile industry. *Journal of Intellectual Capital*, 13(1), 120-137.
- Perez, M. M., & Famá, R. (2005). Ativos intangíveis e o desempenho empresarial. *Revista de Contabilidade Financeira USP*(40), 7 - 24.
- Pucar, S. (2012). The influence of intellectual capital on export performance. *Journal of Intellectual Capital*, 13(2), 248-261.
- Pulic, A. (1998). *Measuring the performance of intellectual potential in knowledge economy*. Paper presented at the 2nd McMaster World Congress on Measuring and Managing Intellectual Capital by the Austrian Team for Intellectual Potential.
- Pulic, A. (2000). VAIC - an accountig tool for IC management. *International Journal of Technology Management*, 20(5-7), 702-714.
- Puntillo, P. (2009). Intellectual capital and business performance. Evidence from Italian banking industry. *Electronic Journal of Corporate Finance*, 4(12), 97-115.
- Rashid, A. A., Ibrahim, M. K., Othman, R., & See, K. F. (2012). IC disclosures in IPO prospectuses: evidence from Malaysia. *Journal of Intellectual Capital*, 13(1), 57-80.
- Richardson, A. J. (2004). Applied Research in Accounting: A Commentary. *Accounting Perspective*, 3(2), 149-160.
- Salman, R. T., Mansor, M., Babatunde, A. D., & Tayib, M. (2012). Impact of intellectual capital on return on asset in Nigerian manufacturing companies. *Interdisciplinary journal of research in business*, 2(4), 21-30.
- Santos, A. d., & Murcia, F. D.-R. (2009). Fatores Determinantes do Nível de Disclosure Voluntário das Companhias Abertas no Brasil. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 3(2), 72-95.
- Sharabati, A.-A. A., Naji Jawad, S., & Bontis, N. (2010). Intellectual capital and business performance in the pharmaceutical sector of Jordan. *Management Decision*, 48(1), 105-131.
- St-Pierre, J., & Audet, J. (2011). Intangible assets and performance: Analysis on manufacturing SMEs. *Journal of Intellectual Capital*, 12(2), 202-223.
- Stewart, T. (1997). *Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas*. Rio de Janeiro: Campus.
- Sullivan, P. H., Jr., & Sullivan, P. H., Sr. (2000). Valuing intangibles companies - An intellectual capital approach. *Journal of Intellectual Capital*, 1(4), 328-340.
- Tan, H. P., & Hancock, P. (2007). Intellectual capital and financial returns of companies. *Journal of Intellectual Capital*, 8(1), 76-74.

- Tayles, M., Pike, R., H. , & Sofian, S. (2007). Intellectual capital, management accounting practices and corporate performance. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 20(4), 522.
- Wei Kiong Ting, I., & Hooi Lean, H. (2009). Intellectual capital performance of financial institutions in Malaysia. *Journal of Intellectual Capital*, 10(4), 588-599.
- Williams, S. M. (2001). Is intellectual capital performance and disclosure practices related? *Journal of Intellectual Capital*, 2(3), 192-203.